

Pibidianos Como Atores Ativos No Processo De Recomposição De Aprendizagem: Um Estudo De Caso

Pibid Participants As Active Agents In The Learning Recovery Process: A Case Study.

Jessica Assino

Graduanda do curso de Pedagogia do Centro Universitário São José, bolsista do PIBID

Juliana Tosta

Graduanda do curso de Pedagogia do Centro Universitário São José, bolsista do PIBID

Laura Poyes

Graduanda do curso de Pedagogia do Centro Universitário São José, bolsista do PIBID

Márcia Maria Ferreira dos Santos

Professora Assistente do Curso de Pedagogia do Centro Universitário São José, Coordenadora de Área do PIBID, Bacharel em Comunicação Social/UGF, Licenciada em Pedagogia/SIMONSEN e Professora Mestre em Educação/UERJ

RESUMO

Este artigo aborda a importância da educação socioemocional no processo de aprendizagem, com foco no papel dos pibidianos no processo de recomposição escolar e emocional de uma aluna dos anos iniciais do Ensino Fundamental, identificada como "Maria Flor". A pesquisa foi realizada na Escola Municipal Domingos Paschoal Cegalla, localizada em um bairro residencial no Rio de Janeiro, que atende cerca de 200 alunos. A metodologia adotada foi um estudo de caso qualitativo, com base na observação direta do comportamento da aluna e suas interações sociais, além da aplicação de atividades lúdicas voltadas para o desenvolvimento cognitivo e emocional. O referencial teórico inclui autores como Freire (1996), que enfatiza o papel do educador na criação de condições para a construção do conhecimento, e Vygotsky (2007), que destaca a importância das interações sociais no processo de aprendizagem. O estudo evidenciou que a colaboração entre escola e família, bem como a implementação de práticas pedagógicas voltadas para o desenvolvimento socioemocional, podem minimizar as carências emocionais dos alunos e promover um ambiente de aprendizagem inclusivo e motivador, contribuindo para o sucesso acadêmico.

Palavras-chave: Educação socioemocional, Recomposição escolar, Estudo de caso, Atividades lúdicas, Pibid.

ABSTRACT

This article discusses the importance of socio-emotional education in the learning process, focusing on the role of PIBID participants in the academic and emotional recovery of an elementary school student, referred to as "Maria Flor." The research was conducted at Escola Municipal Domingos Paschoal Cegalla, located in a residential area of Rio de Janeiro, which serves approximately 200 students. The methodology adopted was a qualitative case study, based on direct observation of the student's behavior and social interactions, as well as the application of playful activities aimed at cognitive and emotional development. The theoretical framework includes authors such as Freire (1996), who emphasizes the educator's role in creating conditions for knowledge construction, and Vygotsky (2007), who highlights the importance of social interactions in the learning process. The study demonstrated that collaboration between school and family, alongside the implementation of pedagogical practices focused on socio-emotional development, can minimize students' emotional deficiencies and promote an inclusive and motivating learning environment, contributing to academic success.

Keywords: Socio-emotional education, School recovery, Case study, Playful activities, PIBID.

INTRODUÇÃO

O processo de aprendizagem prático-teórico vivenciado pelos pibidianos na escola campo é fundamental para a formação inicial dos futuros professores, pois possibilita a integração direta entre a teoria estudada nas universidades e a prática cotidiana das escolas públicas. Esse contato permite que os licenciandos desenvolvam competências pedagógicas essenciais, como a capacidade de planejar, executar e refletir sobre suas práticas educativas, em um ambiente real e dinâmico. De acordo com Nóvoa (2018), a formação docente de qualidade deve se basear em uma relação dialógica entre a teoria e a prática, pois é no exercício prático que o conhecimento teórico ganha sentido e relevância.

A escola campo oferece aos pibidianos um ambiente onde podem observar e vivenciar a diversidade do contexto educacional brasileiro, interagindo com alunos, professores e gestores. Essa experiência os prepara para os desafios reais da sala de aula, permitindo que testem metodologias, reflitam sobre suas práticas e ajustem suas estratégias pedagógicas conforme a realidade do ensino básico. Segundo Tardif (2014), a formação de professores deve ser construída a partir da experiência direta com o ensino, uma vez que a prática educativa é o meio pelo qual o docente aprimora sua compreensão sobre a profissão e os processos de aprendizagem.

Além disso, a inserção dos pibidianos na escola campo contribui para o desenvolvimento de uma postura crítica e reflexiva sobre o papel do professor e as questões sociais que permeiam o ambiente escolar. O contato com os desafios da educação pública, como a inclusão de alunos com necessidades especiais, a desigualdade social e as dificuldades de aprendizagem, proporciona uma formação mais humanizada e comprometida com a transformação social. Freire (1996) ressalta que a prática educativa deve ser uma ação consciente e crítica, visando não apenas a transmissão de conteúdos, mas a formação integral do ser humano.

Assim, o PIBID se configura como um espaço de formação que vai além da simples aplicação de teorias, permitindo que os futuros professores se formem de maneira integral, crítica e reflexiva, fortalecendo sua capacidade de lidar com as complexidades do ensino.

Deste modo, este artigo descreve a atuação deste grupo de pibidianas no processo de recomposição escolar e emocional, em especial de uma aluna, objeto deste estudo de caso.

Objetivando garantir o anonimato da criança, doravante a mesma será denominada Maria Flor.

METODOLOGIA

A presente pesquisa caracteriza-se como um estudo de caso qualitativo, centrado na experiência de uma aluna dos anos iniciais do Ensino Fundamental, denominada neste artigo como "Maria Flor", para garantir seu anonimato. O estudo foi conduzido a partir da observação direta do processo de recomposição escolar e emocional da aluna, com foco na aplicação de práticas pedagógicas adaptativas e atividades lúdicas, implementadas pelas pibidianas da escola campo. Segundo Minayo (2010), a pesquisa qualitativa é adequada para captar a complexidade dos fenômenos sociais e educacionais, uma vez que permite investigar de maneira aprofundada as interações humanas e os processos de aprendizagem.

O estudo de caso, como estratégia metodológica, possibilita a análise detalhada das dificuldades enfrentadas por Maria Flor, tanto no campo acadêmico quanto emocional. Conforme André (2005), o estudo de caso é valioso para a investigação de situações educacionais específicas, proporcionando um entendimento abrangente e contextualizado dos fenômenos em estudo. Para coletar os dados, foram realizadas observações sistemáticas do comportamento da aluna em sala de aula e de suas interações com os colegas e professores. Além disso, foram aplicadas atividades lúdicas voltadas para a recomposição da aprendizagem e o desenvolvimento socioemocional.

A pesquisa contou também com o acompanhamento contínuo de professoras supervisoras, que forneceram suporte e orientação para a aplicação das estratégias pedagógicas desenvolvidas pelas pibidianas. A triangulação de dados, obtidos por meio da observação, análise de registros escolares e entrevistas informais com docentes, permitiu

uma compreensão mais rica e detalhada do impacto das intervenções pedagógicas sobre o desempenho acadêmico e emocional de Maria Flor. De acordo com Lüdke e André (1986), a triangulação é uma técnica importante para garantir a validade e a confiabilidade da pesquisa qualitativa.

O referencial teórico utilizado para analisar os dados inclui autores como Freire (1996), que defende que o ato de ensinar vai além da simples transmissão de conteúdos e envolve a criação de condições para a construção do conhecimento de forma crítica e reflexiva. As práticas pedagógicas foram orientadas para criar um ambiente de aprendizagem inclusivo e motivador, de modo a favorecer o desenvolvimento integral de Maria Flor e de outros alunos que enfrentam desafios semelhantes.

A ESCOLA CAMPO

A Escola Municipal Domingos Paschoal Cegalla, localizada na Rua Albano, nº 50, no bairro Praça Seca, na cidade do Rio de Janeiro, está próxima à Rua Cândido Benício, a principal via do bairro, que conecta a zona norte à zona oeste da cidade (Barra da Tijuca). A escola fica em uma área predominantemente residencial, cercada por casas com terrenos amplos e dois condomínios de prédios. Ela se encontra entre duas comunidades, "Batô Muche" e "Chacrinha", que frequentemente enfrentam períodos de conflito.

A estrutura física da escola é semelhante a de uma casa adaptada para fins educacionais. Na construção frontal, encontram-se a secretaria, a sala da direção, a sala de recursos multifuncionais, a sala de leitura, o refeitório, a cozinha, a despensa e os banheiros masculino e feminino destinados a professores e funcionários. Nos fundos dessa construção estão os banheiros infantis, ambos adaptados. Já na construção localizada na parte de trás, há cinco salas de aula. No ano seguinte à permanência dos bolsistas, outras duas salas foram reformadas no terreno dos fundos, junto com dois novos banheiros infantis. As salas de aula da segunda construção têm capacidade para cerca de 15 alunos, enquanto as novas salas comportam até 25. Essas salas também estão equipadas com datashow e notebook.

A escola possui uma área descoberta ao lado da construção principal e um pátio coberto na frente, onde são realizadas as cerimônias de formatura. No terreno dos fundos, há uma área arborizada com árvores frutíferas e uma pequena horta.

Atendendo aproximadamente 200 alunos do 1º ao 3º ano do Ensino Fundamental, a escola também inclui dois alunos com necessidades especiais por sala de aula. A equipe de gestão é formada por uma diretora, uma diretora-adjunta e um coordenador pedagógico. O quadro de funcionários de apoio conta com uma secretária escolar, uma agente educadora, uma agente de apoio ao ensino especial, quatro merendeiras readaptadas, três merendeiras e duas agentes de serviços gerais. No corpo docente, há sete professores generalistas, cinco especialistas (inglês, educação física, artes visuais, sala de leitura e estudo orientado), além de três estagiários de apoio ao ensino especial.

A escola é reconhecida por seu ambiente acolhedor, alfabetizador e altamente inclusivo.

A FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para uma melhor compreensão deste estudo, realizaremos uma breve contextualização sobre educação socioemocional, recomposição escolar, dificuldades no processo de alfabetização e atividades lúdicas para o processo de recomposição da aprendizagem.

Educação Socioemocional: Definição e Importância

A educação socioemocional refere-se ao desenvolvimento de habilidades que permitem aos indivíduos compreender e gerenciar suas emoções, estabelecer e manter relacionamentos saudáveis, tomar decisões responsáveis e enfrentar desafios cotidianos de maneira ética e eficaz. Esse tipo de educação vai além dos conteúdos tradicionais de

sala de aula, pois trabalha com competências essenciais para o desenvolvimento integral dos alunos, como a empatia, a resiliência, a cooperação e a autorregulação emocional. De acordo com Goleman (1995), as habilidades socioemocionais são tão fundamentais quanto as competências cognitivas para o sucesso pessoal e profissional, pois contribuem para o bem-estar emocional e a formação de relações sociais saudáveis.

A importância da educação socioemocional reside no fato de que ela prepara os alunos para os desafios da vida em sociedade, ajudando-os a lidar de maneira construtiva com os conflitos e as frustrações que surgem no ambiente escolar e na vida cotidiana. De acordo com Damásio (1996), o desenvolvimento socioemocional é essencial para a construção de uma vida equilibrada, pois permite que os indivíduos lidem de forma adequada com suas emoções e relações interpessoais, o que impacta diretamente o desempenho acadêmico e o sucesso escolar. Além disso, a educação socioemocional promove um ambiente de aprendizagem mais colaborativo e acolhedor, facilitando o processo de ensino e aprendizagem (ZINS et al., 2004).

Recomposição Escolar: Definição

A recomposição escolar refere-se ao conjunto de ações pedagógicas voltadas para recuperar e fortalecer os processos de aprendizagem de alunos que apresentem defasagens educacionais. Essas ações podem incluir estratégias diversificadas de ensino, como reforço escolar, uso de metodologias ativas, atendimento personalizado e intervenções específicas para atender às necessidades individuais dos estudantes. Segundo Sousa e Lima (2021), a recomposição escolar surge como uma resposta à ampliação das desigualdades educacionais, especialmente acentuadas durante o contexto da pandemia de Covid-19, em que muitos alunos ficaram privados do acesso à educação de qualidade.

A recomposição escolar tem como objetivo garantir que todos os alunos, independentemente de suas condições de aprendizagem ou do nível de conhecimento, possam desenvolver as competências e habilidades necessárias para avançar em sua trajetória educacional. De acordo com Moran (2021), a recomposição escolar deve ser vista como um processo contínuo, que envolve a adaptação das práticas pedagógicas e a criação de um ambiente escolar inclusivo e motivador, no qual os alunos possam recuperar o tempo perdido e superar as dificuldades encontradas no processo de aprendizagem.

Dificuldades no Processo de Alfabetização

O processo de alfabetização é uma das etapas mais importantes na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental, pois envolve a aquisição das habilidades de leitura e escrita, que são fundamentais para o desenvolvimento cognitivo e social dos alunos. No entanto, muitos estudantes enfrentam dificuldades ao longo desse processo, seja por questões pedagógicas, sociais ou cognitivas. De acordo com Moraes (2012), as dificuldades de alfabetização podem estar relacionadas a fatores como falta de estímulos adequados no ambiente escolar, metodologias de ensino inadequadas ou transtornos específicos de aprendizagem, como a dislexia.

As dificuldades de alfabetização impactam diretamente o desempenho escolar dos alunos e podem gerar frustração, desmotivação e exclusão social. Segundo Fonseca (2015), é essencial que a escola adote estratégias diferenciadas para lidar com esses desafios, utilizando metodologias que respeitem o ritmo de aprendizagem de cada aluno e proporcionando um acompanhamento contínuo e personalizado. Além disso, é importante que os professores recebam formação adequada para identificar e intervir precocemente em casos de dificuldade de alfabetização, evitando que essas dificuldades se tornem barreiras permanentes ao desenvolvimento dos alunos.

A alfabetização é um processo complexo que exige a articulação de diversas habilidades, como a consciência fonológica, o reconhecimento das letras e a compreensão da relação entre fonemas e grafemas. De acordo com Soares (2003), a abordagem pedagógica utilizada na alfabetização deve ser flexível e adaptável às necessidades dos alunos, valorizando tanto os aspectos cognitivos quanto emocionais do aprendizado.

Atividades lúdicas no processo de alfabetização e de elevação da autoestima

A utilização de atividades lúdicas no processo de alfabetização tem se mostrado uma estratégia altamente eficaz, principalmente quando aplicada a crianças com dificuldades de aprendizagem. O lúdico não apenas estimula o desenvolvimento cognitivo, mas também contribui para a construção de vínculos afetivos entre professores e alunos, criando um ambiente de aprendizagem mais acolhedor e motivador. Além disso, o uso de brincadeiras e jogos pedagógicos promove a elevação da autoestima dos estudantes, permitindo que eles se sintam mais confiantes e capazes de superar os desafios da alfabetização, contribuindo de maneira significativa para a educação socioemocional.

Atividades lúdicas, como jogos de construção de palavras, brincadeiras que envolvem a leitura e a escrita, e atividades que incentivam o reconhecimento de letras e sons, são fundamentais para a compreensão do processo de alfabetização. Segundo Vygotsky (2007), o aprendizado é mais eficaz quando ocorre em contextos que envolvem interação social e desafios que estimulam o desenvolvimento das funções cognitivas. Nesse sentido, o lúdico permite que a criança aprenda de forma descontraída, interativa e prazerosa, o que é especialmente importante para crianças que enfrentam dificuldades de aprendizagem, como a dislexia ou a disortografia.

A utilização dessas atividades proporciona um espaço em que as crianças podem se expressar livremente, sem o medo de errar, o que é essencial para a construção de sua autoestima. Muitas vezes, os alunos com dificuldades de aprendizagem desenvolvem um sentimento de inferioridade em relação aos seus colegas, devido ao insucesso escolar repetido. Nesse contexto, as atividades lúdicas oferecem a essas crianças a oportunidade de experimentar o sucesso em um ambiente que valoriza o processo, e não apenas o resultado. Isso contribui diretamente para o aumento da autoconfiança e da motivação dos estudantes.

Além disso, o caráter interativo das atividades lúdicas favorece a criação de vínculos afetivos entre os alunos e seus pares, bem como entre os alunos e os professores. Esses vínculos são essenciais para a educação socioemocional, uma vez que a aprendizagem não ocorre apenas de maneira individual, mas também em um contexto social de trocas e interações. Ao utilizar atividades lúdicas, o professor cria um ambiente onde as crianças se sentem seguras para se expressar e interagir, fortalecendo o senso de pertencimento e a cooperação entre os colegas.

Portanto, o uso de atividades lúdicas no processo de alfabetização vai além do simples ato de ensinar a ler e a escrever. Ele se configura como uma estratégia pedagógica fundamental para crianças com dificuldades de aprendizagem, promovendo a criação de vínculos afetivos, a elevação da autoestima e o desenvolvimento de habilidades socioemocionais. Dessa forma, o lúdico não apenas facilita o aprendizado dos conteúdos escolares, mas também contribui para o desenvolvimento integral do aluno, preparando-o para os desafios da vida escolar e pessoal.

ESTUDO DE CASO: A RECOMPOSIÇÃO ESCOLAR DE MARIA FLOR

A educação infantil desempenha um papel fundamental no desenvolvimento cognitivo, pessoal e emocional das crianças, sendo a base para o seu crescimento saudável. Entretanto, nem todas as crianças conseguem ter um desenvolvimento escolar adequado, como é o caso de Maria Flor, uma aluna de 8 anos, matriculada no 2º ano do Ensino Fundamental que, em 2023, enfrentou uma série de dificuldades no âmbito acadêmico e emocional que afetaram seu desempenho escolar. Tais dificuldades incluíram a falta de participação em sala de aula, além da comunicação restrita.

Durante atuação prática deste grupo de pibidianas, tornou-se evidente que Maria Flor enfrentava barreiras não apenas acadêmicas, mas também emocionais, que interferiam diretamente em sua capacidade de aprendizado. Diante dessa realidade, foi proposta, por estas pibidianas, com autorização da coordenadora de área e acompanhamento das professoras supervisoras, uma abordagem diferenciada, focada em atividades lúdicas de alfabetização e socioemocionais, com o intuito de mitigar esses desafios.

Paulo Freire (1996) fundamenta a ideia de que ensinar não é simplesmente transferir conhecimento, mas criar possibilidades para que o aluno construa seu próprio saber. Essa visão reforça a importância de uma abordagem pedagógica que leve em consideração as necessidades emocionais e individuais de cada aluno, promovendo um ambiente de aprendizado inclusivo e adaptativo.

Maria Flor demonstrava um comportamento de retração, com dificuldade de comunicação e interação com colegas. Através de observações realizadas pelo grupo de trabalho, identificaram-se problemas como a falta de participação ativa em atividades e brincadeiras em grupo, além de uma notável frequência escolar irregular.

Observamos que Maria Flor não se sentia a vontade em participar das aulas, de se expor, em virtude de sua dificuldade de aprendizagem, especificamente no processo de alfabetização.

O grupo de pibidianas propôs a implementação de atividades que envolvessem contação de histórias e brincadeiras lúdicas, voltadas para a recomposição da aprendizagem e o desenvolvimento socioemocional de Maria Flor. Essas atividades também tinham como objetivo promover a socialização e a construção de confiança entre ela e os demais alunos.

O projeto "Recomposição da Aprendizagem", implementado pelo grupo de bolsistas, foi desenvolvido para atender as necessidades de Maria Flor, assim como de outros alunos da escola campo que enfrentavam dificuldades semelhantes. Durante três meses, foram realizadas intervenções personalizadas, com foco no desenvolvimento socioemocional e cognitivo dos discentes.

As estratégias adotadas incluíram atividades de grupo e individualizadas, sempre com o objetivo de criar um ambiente de aprendizado colaborativo e adaptativo, conforme o pensamento de Freire (1996), que valoriza a construção do conhecimento de forma conjunta entre educador e aluno.

Deste modo, Maria Flor foi encorajada a trabalhar em equipe, exercitando a comunicação e a cooperação. As atividades lúdicas auxiliaram no desenvolvimento de habilidades cognitivas, como atenção, memória e imitação, tornando-a mais confiante a superar suas dificuldades e na socialização com seu grupo de colegas de turma.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Paulo Freire (1996, p. 47) nos inspira quando afirma que, "ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua própria produção ou construção". O presente artigo reafirma essa concepção, demonstrando a importância de se considerar não apenas os aspectos cognitivos, mas também os emocionais, na formação e desenvolvimento de cada aluno.

A abordagem personalizada proposta para Maria Flor revelou-se eficaz ao lidar com suas necessidades emocionais e acadêmicas, evidenciando a importância de intervenções pedagógicas adaptativas. A longo prazo, essas estratégias poderão contribuir significativamente para o desenvolvimento global de alunos com perfis semelhantes ao de Maria Flor.

A partir do estudo de caso de Maria Flor, conclui-se que a combinação de abordagens pedagógicas adaptativas e personalizadas pode ser altamente eficaz para lidar com as dificuldades acadêmicas e emocionais enfrentadas pelos alunos. O desenvolvimento de atividades que envolvem tanto aspectos cognitivos quanto socioemocionais promove um ambiente mais inclusivo e acolhedor, contribuindo para o desenvolvimento integral dos discentes.

Ao fornecer suporte contínuo e promover a participação ativa da aluna nas atividades, o estudo comprovou que o envolvimento emocional e a construção de confiança são tão fundamentais quanto o ensino de conteúdos. O fortalecimento de laços sociais e a implementação de práticas lúdicas que envolvem a socialização e a cooperação entre os alunos são essenciais para o sucesso educacional.

A aplicação dessas estratégias não apenas proporciona uma melhora no desempenho escolar, mas também fomenta o crescimento pessoal, permitindo que o aluno se sinta integrado ao ambiente escolar e motivado a continuar seu processo de aprendizagem. Esse caso reflete a importância de um ensino humanizado, que coloca o aluno como agente ativo na construção de seu próprio conhecimento.

A participação neste estudo de caso foi extremamente gratificante e enriquecedora para a formação das pibidianas envolvidas. A experiência prática de lidar diretamente com os desafios do processo de recomposição escolar, aliada à implementação de estratégias pedagógicas adaptadas às necessidades da aluna, permitiu às pibidianas desenvolverem habilidades fundamentais para sua atuação futura como professoras. Esse contato com a realidade da educação pública, com suas complexidades e demandas, contribuiu de maneira decisiva para uma formação mais crítica, reflexiva e comprometida com a transformação social e educacional.

REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, Marli E. D. A. Estudo de caso em pesquisa e avaliação educacional. Brasília: Liber Livro Editora, 2005.
- DAMÁSIO, António R. O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- FONSECA, Vitor da. Psicopedagogia: uma introdução clínica, neuropsicológica e interdisciplinar. Porto Alegre: Artmed, 2015.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GOLEMAN, Daniel. Inteligência emocional. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.
- LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.
- MORAIS, Artur Gomes de. Alfabetização: questões sobre aquisição e dificuldades na escrita. São Paulo: Contexto, 2012.
- MORAN, José Manuel. A recomposição escolar e os desafios da pós-pandemia. Revista Educação, 2021.
- NÓVOA, António. Os professores e sua formação. Lisboa: Dom Quixote, 2018.
- SOARES, Magda. Alfabetização e letramento. São Paulo: Contexto, 2003.
- SOUSA, Maria Clara; LIMA, André. Recomposição escolar: estratégias para a superação das defasagens de aprendizagem no pós-pandemia. Fortaleza: Educar, 2021.
- TARDIF, Maurice. Saberes docentes e formação profissional. Petrópolis: Vozes, 2014.
- VYGOTSKY, Lev S. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- ZINS, Joseph E. et al. Building academic success on social and emotional learning: what does the research say?. New York: Teachers College Press, 2004.

